

Genealogia literária: uma monstruosidade em *A estranha nação de Rafael Mendes*, de Moacyr Scliar

Glauber Pereira Quintão

Mestre em estudos literários / UFMG - FALE

RESUMO

Este artigo elabora o conceito de genealogia literária partindo da noção de monstruosidade, como usada por Lyslei Nascimento, em seu artigo “Monstros no arquivo”. Para isso, analisa-se o romance *A estranha nação de Rafael Mendes*, de Moacyr Scliar.

PALAVRAS-CHAVE

Genealogia, monstruosidade, Moacyr Scliar

Determinar um ponto de partida é necessariamente uma simplificação e um exercício de ignorar outros pontos para que algo seja pronunciável como objeto de investigação. Desse modo, apenas como reconhecimento de uma particularidade interativa pessoal, suponho ter partido da leitura de um artigo para uma curiosidade teórica: despertou meu interesse o artigo “Monstros no arquivo”, da professora Lyslei Nascimento, que se encontra na compilação de vários outros autores em *Monstros e monstruosidades na literatura*.¹ Nesse texto, ela chama a atenção para certa tradição de leitura, marcadamente ocidental, a qual, rompida, produz um efeito de monstruosidade. Ela não estuda tal efeito segundo a construção de um personagem repugnante por características físicas, ou por sua descrição moral, porém, o efeito da monstruosidade seria atingido pela desconstrução de uma maneira possível de lidar com o conhecimento e que, contudo, passa-se por única, reiterando o familiar ao ponto de torná-lo algo a que se denominaria natural, ou real, ou, ainda, divino, e isso seria absolutamente indiferente à ação ou ao olhar de quem lida com ele.

A partir dessa problematização da ordem do saber, ou do seu constructo, deparei-me com o romance de Moacyr Scliar, *A estranha nação de Rafael Mendes*, publicado em 1983, que se tornou a matriz da elaboração de um conceito teórico a que chamei de “genealogia

¹ NASCIMENTO. Monstros no arquivo, p. 61-80.

literária”. Usualmente aplica-se certo conceito à leitura de um romance. Aqui, o próprio romance foi tomado como aparato teórico, trazendo a literatura a um plano privilegiado, por meio desse objeto particular, o romance de Scliar, mas em diálogo simultâneo com outros textos, tanto de crítica literária quanto de filosofia, religião e história.

O romance de Scliar narra o encontro de Rafael Mendes e uma caixa contendo vários objetos, deixada à sua porta. Dentre eles, um bilhete que o leva aos cadernos genealógicos, contendo narrativas das aventuras de seus ancestrais. O bilhete é uma espécie de *link* dentro da caixa, símbolo de um espaço de simultaneidade, em que as coisas não estão dispostas em ordem hierarquizada ou progressiva, mas amontoadas. Trata-se de uma perspectiva distinta daquela dada por uma genealogia tradicional, que preza pela hierarquia e organiza segundo um método diagramático, como árvore, que se cristaliza e passa pelo desejo de refletir a realidade. A caixa, no entanto, não é uma metáfora exata para o conceito de genealogia literária, pois ela – a genealogia literária – ainda recupera, ao seu modo, a tradição, para transformar-se em ironia, em uma estrutura autoirônica. Assim, a disposição dos objetos da caixa pode ser lida como prenúncio do efeito de monstruosidade atingido pelo romance, na medida em que desconstrói o *modus operandi* da genealogia, que, via de regra, pode ser pensada pela imagem de árvore, uma estrutura verticalizada, ali, minada pela exposição de sua relatividade.

A estranha nação de Rafael Mendes, portanto, vale-se da genealogia, mas embarçando seu modo vicioso de organizar os seres. O protagonista que ignora e deseja saber o paradeiro e a verdade sobre seu pai, metáfora de sua origem perdida, recebe os cadernos com as narrativas de seus ancestrais. Esses cadernos se abrem no corpo do romance como se o leitor pudesse divisar os cadernos às mãos do personagem Rafael Mendes e, a princípio, parece encontrar uma genealogia tradicional que demarca o profeta Jonas da Bíblia como o primeiro de seus ascendentes. Uma leitura do livro bíblico do profeta, que lhe é homônimo, contudo, gera sua primeira marca de estranhamento: Jonas parece uma caricatura de profeta e não um personagem nobre ou exemplar como se esperaria encontrar em uma árvore genealógica. Como se sabe, Jonas foge à missão designada por Deus de profetizar em Nínive e toma um navio rumo a Társis, com o intuito de fugir da face de Deus.²

No romance, Rafael Mendes é um personagem que vive, no Brasil, numa sociedade tipicamente contemporânea, desempenhando um papel de diretor-executivo da financeira Pecúnia S/A, inserido numa velocidade programada pelo relógio, do trabalho cotidiano

² BÍBLIA DE JERUSALÉM, p. 1.631-1.633.

exaustivo. Ele é um desses tipos desmemoriados, em que as demandas do futuro não deixam qualquer tempo para ideias de grande envergadura, amplidão do gosto, ou consciência política, tampouco contato com o presente, muito menos com o passado. A caixa, com seu amontoado de objetos ligados à história do protagonista, transforma-se no espaço que poderia lhe proporcionar uma experiência – como o peixe grande a Jonas –, mas no caso de Rafael Mendes, por sua situação contemporânea, ao lugar de um monstro sagrado, uma caixa com objetos de pouco valor, condição que bem lembra a nona tese de “Sobre o conceito de história”, de Walter Benjamin:

Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos. Mas uma tempestade sopra do paraíso (...). Essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro (...). Essa tempestade é o que chamamos progresso.³

Nessa perspectiva, a caixa, com seu amontoado de objetos, associa-se a esses escombros, signos ligados ao pai de Rafael, passado desconhecido e morto devido à tempestade do progresso que impele o protagonista à velocidade do futuro e lhe impõe a amnésia necessária à mecânica executiva de uma financeira. Por outro lado, os cadernos que lê, um dos *links* da caixa, retira Rafael do tempo acelerado e o arroja a vestígios de um passado longínquo, todavia, reencenados, de certo modo, retomados de vida, como acordasse os mortos, dado que Jonas, por exemplo, aparece diferente, tendo migrado do espaço sagrado bíblico para seu mundo ficcional, desdobrando-se ao infinito: um personagem mirando outro, Rafael Mendes, considerando Jonas como seu antepassado, é um personagem debruçando-se sobre outro, sob os olhos do leitor do romance de Scliar, criando um efeito especular em abismo. Sendo assim, é o próprio Rafael Mendes quem sai dos escombros para ordenar suas possíveis narrativas sobre o que, ali, encontra-se amontoado.

Antes de tomar os cadernos genealógicos, Rafael está preocupado com a esposa depressiva, tanto mais por causa da nova situação de sua filha Suzana, adolescente de quem se suspeita o envolvimento com drogas. Esse fato corriqueiro, no entanto, transforma-se na sugestão de como a ordenação dos saberes pode passar-se por monstruosidade, pelo modo como se encontra o quarto de Suzana:

O gato de pelúcia pende, enforcado, do lustre. Isto há três meses. A empregada, horrorizada, quis tirá-lo dali. Suzana não deixou. Era um símbolo de opressão, explicou, teve o castigo merecido. A empregada, filha de colonos do interior, não entendeu nada. E se recusa a entrar no quarto. O que a Suzana não importa: ela não quer que arrumem suas coisas. Daí a

³ BENJAMIN. *Magia e técnica, arte e política*, p. 226.

espantosa desordem: roupas nas cadeiras, na mesa, empilhadas nos cantos; discos e livros espalhados por toda parte. Das paredes pendem pôster rasgados, Guevara, Einstein com a língua de fora, um Cristo com a legenda: junta-te aos Novos Essênios.⁴

A desordem no quarto de Suzana provoca o afastamento da empregada, bem como alimenta a suspeita de sua relação com as drogas, comprovando a simbologia monstruosa de uma ordem percebida unicamente como falta de ordem e por tratar-se de um espaço de simultaneidade de símbolos provenientes de espaços culturais tão diversos, como Guevara, Einstein e Cristo. A própria ideia de um Cristo, no lugar do Cristo, numa mudança simples do artigo, parece insuportável e monstruosa se se contrapõe ou questiona a mais comum, ou seja, a que diz o Cristo, com artigo definido, ao menos para essa família de cristãos-novos que ignora o passado ou qualquer narrativa que os liga também ao judaísmo. Assim, pode-se dizer que a desordem para os velhos seria outra ordem para a adolescente.

A empresa em que trabalha está às portas da falência e Rafael Mendes deve encobrir negócios escusos praticados por seu chefe. Nesse caso, refém das necessidades práticas e cotidianas, confronta-o o falso dilema de manter-se agarrado a sua moralidade, ou executar os planos do chefe para manter seu posto, garantir o sustento da casa, sua identidade, ao menos, de homem trabalhador, como se isso ainda lhe desse alguma dignidade. É nesse contexto conturbado que Rafael Mendes recebe e mergulha nos cadernos com as narrativas de seus ancestrais, como uma salvação terrena, um mundo paralelo que, no entanto, diz respeito e penetra sua vida: cadernos que ultrapassam o limite de suas páginas, ademais, acessados pelo leitor do romance.

Depois de Jonas, o romance enfoca Maimônides, outro ancestral de Rafael Mendes. Sumidade intelectual, reconhecido desde vivo, século XII da era cristã, mesmo sendo judeu residente em um dos centros do império islâmico, destacou-se como filósofo e também como médico servindo à corte de Saladino do Egito. Neste artigo escolhi, para análise, Jonas e Maimônides, pois a árvore genealógica de Rafael Mendes é imensa e, como uma “estranha nação”, nela encontram-se aparentados, pelo modo familiar da genealogia, Jeová, Jonas, Habacuc, Maimônides, Cristóvão Colombo, Bento Teixeira, Calabar, Espinosa; também os espaços se sobrepõem, Yaffo, Judeia, Jericó e Jerusalém; o Mar Morto e o Mar da Galileia, bem como Sefarad, Cairo, Portugal e o Brasil contemporâneo, numa babélica dispersão pelo espaço e pelo tempo.

⁴ SCLIAR. *A estranha nação de Rafael Mendes*, p. 17.

Esses elementos, dentro de um mecanismo vicioso, o poria em risco ao fazer sobressair a diferença no seio da sequência em que se prevê a igualdade, a família, o grupo de mesmos. Semelhantemente ao conto “O idioma analítico de John Wilkins”,⁵ de Jorge Luís Borges: uma enciclopédia pretenderia exaurir e recobrir todas as possibilidades de conhecimento do mundo, ordenando-se pelo alfabeto e objetivamente, como uma sequência, uma progressão, uma continuidade natural. Ao modo do conto de Borges, sobre o qual Michel Foucault comenta a aparição do Outro no interior do esquema em que se espera a aparição reiterada do Mesmo,⁶ também ocorre no romance, mas, ao lugar da enciclopédia, a exposição de uma árvore genealógica, procedimento iterado desde as mais longínquas tentativas de se organizar o mundo, os seres e o próprio saber, desde a Bíblia, a filosofia grega, até a ciência, marcadamente a biologia com sua tentativa de classificação dos seres entre reinos e espécies.

Como no conto de Borges, a princípio, o leitor parece estar diante de um modo de classificação convencional, disposto entre as letras do alfabeto, em sua ordem naturalizada em que o “b”, segue-se ao “a”, vindo o “c” a seguir. No conto de Borges, todavia, entre as letras e sua sequência, sobressaem elementos risíveis, produzindo um sistema irônico que problematiza o próprio sistema classificatório. Também na genealogia de Rafael constata-se a tradicional relação pai, filho, avô, bisavô, assim por diante, respeitando a expectativa viciosa, ou viciada, não fosse o rompimento produzido pelos elementos que compõem essa sequência. As forçosas perguntas a essa ordem sugerida pelo próprio encadeamento da sequência é: quem, ou o que é Jonas, Maimônides e o que representam? Por que, como estão colocados lado a lado? Por que e como são aparentados? Ora, tradicionalmente a árvore genealógica se faz para e com os nobres e os reúne em um espaço comum desclassificando os não nobres ou impuros. Sobre esse quesito da nobreza/pureza, sua referência tem apelo político, pois a genealogia tradicional serviu a inquisições e aos afãs totalizadores, da Igreja Católica, extirpando os não cristãos de suas cercanias, bem como ao Estado hitleriano, eliminando os não arianos, para ficar em apenas dois exemplos: isso mostra que o critério de pureza é relativo, histórico e depende da ocupação das instâncias que detêm a força para o controle e ordenação de uma sociedade.

Na pesquisa mais detida sobre Jonas, o personagem bíblico e profeta e sobre Maimônides, o personagem histórico e filósofo, bem como sua reencenação no romance, tomando-os como elementos da genealogia literária, ou seja, representantes de dois saberes

⁵ BORGES. O idioma analítico de John Wilkins, p. 92-95.

⁶ FOUCAULT. *As palavras e as coisas*, p. XIII, XIV.

tradicionalmente diversos, percebe-se como eles rompem a ordem genealógica, pois Jonas é o profeta que nega sua própria categoria, nega realizar a missão divina de profetizar. É o personagem que não responde a seu chamado, silencia-se e clama por sua própria morte.

Maimônides, representante do saber filosófico, ao contrário, parece atender a todos os chamados, não o divino, mas das comunidades judaicas acoçadas, à sua época, pelo império islâmico; atende aos chamados da filosofia, da medicina, nas quais se destaca, em larga medida, recebendo admiradores vindos de todos os cantos do mundo com o intuito de aprender com ele. Além desse sucesso, de atender a tantos chamados, fazendo antagonismo a Jonas e sua categoria, possui uma árvore genealógica de reconhecido valor entre os de sua comunidade. Ele seria, ainda, descendente de grandes sábios, rabinos e juízes. Enquanto Jonas esvazia a categoria de profeta, Maimônides cinde e multiplica a de filósofo, pois não sendo apenas filósofo, nem bem apenas médico, sua importância, não podendo ser abarcada pela classe de filósofo, torna-se aberta e multiperspectivada, por assim dizer, rabino líder de sua comunidade, grande pensador, trabalhador assíduo, homem ativo, híbrido, supercomposto, excessivo em oposição à vacância de Jonas.

Jonas e Maimônides são, portanto, dois personagens, duas categorias estranhas postas lado a lado, sob o esquema familiar da árvore, minado, porém. Oblitera-se o reconhecimento de sua estrutura. Demonstra-se que a genealogia tradicional, ou sua ordem, tem por princípio restringir-se aos nomes, a pontos insulares e falsos, por ignorar as narrativas que, certamente, revelariam que o nome vinculado ou ao profeta, ou ao filósofo, ou, de modo geral ao judeu, ou ao muçulmano, que cada categoria dessas é insuficiente, e não recobre totalmente um indivíduo, antes o reduz a um interesse que opera seus procedimentos inquisitoriais ou de legitimação de uma ordem de dominar e de hierarquizar uma sociedade.

Os dois são lidos pelo personagem Rafael, que, então, acaba por perceber que ele é todos, assim como seu leitor, como estivera ante um espelho, poderia perceber sua fragmentação e a ampliação de suas possibilidades de identificação, de tal forma, como, o protagonista, ao fim do romance, não tem uma resposta sobre o paradeiro do seu pai, nem algo como sua verdadeira origem, todavia, que ela está perdida, pulverizada, dispersa por vestígios, signos híbridos, desde sempre corrompidos, restando a ele nada mais do que a possibilidade sem garantias, de, como afirma o romance: “à falta de soluções, fantasias; à falta de respostas, imaginárias possibilidades.”⁷

⁷ SCLIAR. *A estranha nação de Rafael Mendes*, p. 276.

ABSTRACT

This article elaborates the concept of literary genealogy starting from the monstrosity notion, as used by Lyslei Nascimento, in her article “Monstros no arquivo”. For that, the romance *A estranha nação de Rafael Mendes*, of Moacyr Scliar is analyzed.

KEYWORDS

Genealogy, monstrosity, Moacyr Scliar

REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: _____. *Magia e técnica, arte e política*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 222- 232.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM. Trad. do texto em língua portuguesa diretamente dos originais. GORGULHO, G. da S.; STORNILOLO, I.; ANDERSON, A. F. (Coord.). São Paulo: Sociedade Bíblica Internacional/Paulus, 2002.
- BORGES, Jorge Luis. O idioma analítico de John Wilkins. In: _____. *Obras completas*. Trad. Vários. São Paulo: Globo, 1999. p. 92-95. v. 2.
- FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*. Trad. Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- MAQUIAVEL, Nicolau. *O príncipe*. Trad. Mário e Celestino da Silva. Rio de Janeiro: Vecchi, 1995.
- NASCIMENTO, Lyslei. Monstros no arquivo. In: JEHA, Julio (Org.). *Monstros e monstruosidade na literatura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007. p. 61-80.
- SCLIAR, Moacyr. *A estranha nação de Rafael Mendes*. Porto Alegre: L&PM, 1983.